

*MEU MODO DE FALAR MUDOU BASTANTE,
AS PESSOAS NOTARAM A DIFERENÇA EM MIM.*
QUANDO O LETRAMENTO É DESENVOLVIDO FORA
DO CONTEXTO ESCOLAR

*MY WAY OF SPEAKING HAS CHANGED A LOT, PEOPLE
NOTICED THE DIFFERENCE, WHEN LITERACY IS
DEVELOPED OUTSIDE OF SCHOOL*

Dorotea Frank Kersch*
Michele Otto da Silva

RESUMO

O segmento dos evangélicos tem experimentado um grande crescimento no Brasil, mas a contribuição dos eventos da esfera religiosa para o desenvolvimento do letramento dos fiéis não tem sido estudado. Objetiva-se, neste estudo, verificar como leitores de diferentes escolaridades avaliam, em sua formação pessoal, o papel do seu engajamento em práticas de leitura da Bíblia. Os participantes são de dois grupos – leitores habituais da Bíblia com menor escolaridade (até cinco anos de escola) e leitores habituais da Bíblia com maior escolaridade (com mais de oito anos de escola). Os resultados mostram que os eventos de letramento que envolvem a leitura da Bíblia afetam muito o desenvolvimento do letramento, bem como a formação pessoal desses leitores. Podemos arriscar dizer que mesmo as pessoas consideradas, pelo senso comum, pouco letradas se mostram desenvoltas e mais capazes de ler e compreender certos tipos de texto, como os da Bíblia, tanto quanto as de maior escolaridade. Isso mostra que os letramentos têm características próprias, cujo domínio é necessário para interagir nesse meio. O letramento litúrgico e o conhecimento dos gêneros desse contexto são determinantes para a compreensão leitora.

Palavras-chave: letramento; contexto não-escolar; Bíblia; gênero; leitura.

ABSTRACT

The social segment of evangelicals has experienced a great growth in Brazil, but their contribution to the development of the congregations' literacy has not been studied yet. This research investigates how readers with different formal education levels evaluate the role of their engagement in practices of reading the Bible in their personal development. The research participants were divided in two groups – Bible's regular readers with less

* UNISINOS, São Leopoldo (RS), Brasil. doroteafk@unisinis.br; UNISINOS, São Leopoldo (RS), Brasil. micheleottodasilva@yahoo.com.br

formal education (up to five years of schooling) and Bible's regular readers with more formal education (more than eight years of schooling). Results show that their participation in literacy events of Bible reading favor their literacy development, as well as their personal formation. We venture to say that even those with low literacy according to common sense, are nimble and able to read and understand certain texts like the Bible, as much as the ones with higher education. This shows that different literacies have their own features, whose mastery is needed to interact properly in each environment. The liturgical literacy and knowledge of genres in the context of this study are crucial to the reading comprehension of the participants.

Keywords: literacy; non-school context; Bible; genre; reading.

INTRODUÇÃO

O segmento dos evangélicos, no Brasil, é aquele que, dentre os grupos religiosos, mais tem crescido nos últimos anos, e há estimativas de que a taxa de crescimento desse grupo, na próxima década, continue a mesma dos últimos 40 anos. Segundo matéria da revista *Época*¹, em 1960, os evangélicos eram apenas 4% da população; hoje se estima que sejam quase 24%. Segundo esse periódico, os estudiosos do Sepal² preveem que essa proporção possa dobrar em 12 anos, o que representaria um salto enorme e afetaria a sociedade brasileira em muitos aspectos, como, por exemplo, na ampliação do letramento, uma vez que a leitura da Bíblia é rotina na vida de um evangélico, até mesmo entre as crianças. A promoção do letramento pelas igrejas provavelmente vai impulsionar também o letramento escolar, uma vez que um grande número de marginalizados podem ver sentido na aprendizagem da leitura, que lhes será útil e necessária fora da escola.

Ao estudar as características socioeconômicas, opiniões e preferências dos evangélicos no Brasil, Bohn (2004), utilizando os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro – ESEB 2002, constatou que a maior parte dos membros das igrejas evangélicas é proveniente de estratos sociais de baixa renda e, conseqüentemente, de baixa escolaridade (segundo a autora, 54% dos evangélicos não concluíram o ensino fundamental). Entretanto, matéria da revista *Veja*³ chama a atenção ao fato de que a média de leitura dos evangélicos brasileiros gira em torno de seis livros por ano – o dobro da média nacional. Isso nos leva a crer que os eventos de letramento

1 Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,EMI74084-15228,00.html>, acesso em 15.02.2010.

2 SEPAL, Servindo a Pastores e Líderes, é uma missão internacional ligada à O.C.I. Ministries, estabelecida no Brasil há mais de 30 anos.

3 Disponível em http://veja.abril.com.br/030702/p_088.html, acesso em 15.02.2010.

promovidos pelas igrejas exercem um papel de destaque no desenvolvimento de seus fiéis.

A palavra letramento passou a fazer parte do vocabulário da área da Educação e das Ciências Linguísticas desde a segunda metade dos anos 80. São, portanto, mais de 20 anos de discussões desde o seu surgimento no discurso de especialistas dessas áreas⁴. Os estudos contemporâneos do letramento (KLEIMAN, 1995, 2005a, 2005b; SOARES, 2003, 2004, por exemplo) partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e indissociáveis dos contextos em que se desenvolvem. A maioria desses estudos, entretanto, considera o letramento no contexto escolar, até mesmo porque a escola é ainda sua principal agência.

Se a leitura e a escrita são vistas numa perspectiva social, um evento de letramento – uma situação comunicativa que envolve atividades que usam ou pressupõem o uso da língua escrita – é similar a outras situações da vida social e acontece tanto dentro quanto fora da escola. Este artigo, portanto, vem preencher uma lacuna, trazendo uma reflexão que considera outra agência de letramento, a igreja evangélica, que, por meio dos eventos que promove – cultos, estudos bíblicos, trabalhos realizados em pequenos grupos – ajuda a desenvolver o letramento de seus membros. Esses eventos são atividades coletivas, em que participantes com diferentes formações, origens e saberes, dependendo dos interesses, mobilizam esses saberes, negociando-os, muitas vezes, coletivamente, para atingir metas comuns.

É nesse contexto que se situam nossos questionamentos de pesquisa: como os participantes da pesquisa – com menor e maior escolaridade – avaliam sua trajetória de leitura e escrita? A leitura da Bíblia, na percepção dos participantes, contribuiu para seu letramento? Em que medida a participação em eventos de letramento litúrgico ajuda a constituir as identidades sociais dos evangélicos? Em que os eventos desenvolvidos fora da escola poderiam contribuir para os eventos que a escola promove?

Com o objetivo de verificar como leitores de menor escolaridade avaliam o papel do seu engajamento em práticas de leitura da Bíblia na sua formação integral, o texto está dividido em três partes: na primeira, apresentaremos o referencial teórico em que se baseia o estudo, situando-o no quadro teórico dos estudos de letramento e de questões identitárias; na segunda, descreveremos a metodologia usada para desenvolver a pesquisa; por fim, apresentaremos e discutiremos os resultados de nosso estudo.

4 Foi usada pela primeira vez por Kato (1986).

1. LETRAMENTO DENTRO E FORA DA ESCOLA

Muito se tem discutido sobre os significados do letramento, mas algo parece ser comum à maioria dos autores (KLEIMAN, 2001; SOARES, 2003; TFOUNI, 1988, 1995): a noção surge da necessidade de explicar algo que é mais amplo que alfabetização, ou seja, que vai além do domínio da tecnologia da leitura e da escrita, uma vez que novas formas de seu uso social, inclusive por aquelas pessoas consideradas analfabetas, vêm se dando em sociedades como a nossa, organizadas em torno da leitura e da escrita. Também os analfabetos dessas sociedades se envolvem em práticas sociais letradas diárias: pedir a alguém que leia o nome de um ônibus ou de uma rua, que leia uma carta que recebeu, que veja o prazo de validade de um produto no supermercado; pedir que alguém lhe anote um recado, e assim por diante. Nesse sentido, ainda que muitos não saibam ler e escrever, de certo modo, já apresentam graus de letramento, uma vez que estão imersos num mundo letrado e fazem uso, de uma forma ou de outra, da leitura e da escrita no seu dia-a-dia.

O termo *letramento* se originou de uma versão feita da palavra da língua inglesa *literacy*, fazendo a representação etimológica de estado, condição, ou qualidade de ser *literate*, que é definido como educado, relacionado às capacidades de ler e escrever. Conforme Soares (2003, p. 17), *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Assume-se aqui, entretanto, a posição já defendida por Street (2006), que considera que não só o letramento afeta os indivíduos, mas também eles o afetam, uma vez que usam ativa e criativamente essas habilidades para atender a seus próprios propósitos e necessidades, não sendo, portanto, “tábuas rasas”, como muitos supõem. Desse modo, “os processos de letramento não podem ser entendidos simplesmente em termos de escolarização e pedagogia: eles são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes” (STREET, 2006, p. 475).

Também para Tfouni (1995, p. 30), a necessidade do conceito de letramento surgiu da tomada de consciência que se deu, principalmente entre linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta. Trata-se, portanto, de um processo contínuo e mais amplo do que a alfabetização, e intimamente relacionado à existência e influência de um código escrito.

Segundo Kleiman (2005b, p.16), a alfabetização tem características específicas e diferentes das do letramento, mas faz parte dele (ainda que se possa falar em letramento mesmo na ausência da alfabetização, quando os indivíduos analfabetos participam de práticas letradas presentes em seu contexto social, como apontamos anteriormente). Como prática escolar, é essencial. Todos nós precisamos ser alfabetizados para participar de forma autônoma das práticas de letramento que existem na escola e na sociedade.

Numa sociedade tecnologicamente avançada como a nossa, não se pode mais afirmar que existam pessoas iletradas, já que, como dissemos acima, os indivíduos participam, em maior ou menor grau, de práticas cotidianas que exigem o envolvimento com a leitura e a escrita. Como cidadãos de um meio letrado, não há como não estar, de uma forma ou de outra, enredados em certa prática educativa, e isso não de forma provisória, mas para a vida inteira. Ou seja, o que quer que façamos, ou onde quer que estejamos, onde houver a presença da leitura e da escrita, estaremos participando de uma prática social que envolve ou requer algum grau de letramento.

Falar em letramento, portanto, é reconhecer que não basta apenas saber ler e escrever, é necessário saber fazer uso da leitura e da escrita, saber responder às exigências que a sociedade faz delas. É na relação com os outros que o homem vai constituindo seus conhecimentos, valores e crenças, e, num movimento de interação, vai permitindo, simultaneamente, que os conhecimentos já existentes possam ser modificados, aperfeiçoados ou ampliados.

Para Street (2006, p. 466), há diferentes modos de representar nossos usos e significados de leitura e escrita em diferentes contextos sociais, e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que não é possível pensar o letramento como algo único e compacto. Em função disso, admitimos, como o autor, a existência de uma multiplicidade de letramentos – associados a diferentes personalidades e identidades – que variam no tempo, no espaço e estão ligados a relações de poder.

Quando participamos de uma prática de letramento, estamos fazendo mais do que simplesmente decodificar ou produzir um texto. Estamos, de fato, construindo, assumindo ou recusando as identidades associadas a essas práticas letradas. Por essa razão, nenhuma prática social é neutra. Como elas acontecem em contextos culturais específicos, estão sempre associadas a relações de poder e ideologia. Como dissemos anteriormente, as pessoas aplicam ativa e criativamente as habilidades de letramento para atender a seus próprios objetivos e necessidades; elas se apoderam dele, e não são simplesmente transformadas passivamente por ele (STREET, 2006, p. 475). Ao participar de determinada prática social, portanto,

ao mesmo tempo em que tomam posse de determinado letramento, as pessoas transformam e são transformadas, impactam e são impactadas.

As práticas de leitura e escrita variam de uma sociedade a outra, são determinadas pelo contexto social que envolve os indivíduos, são situadas no tempo e no espaço, e exercem diferentes papéis na vida dos grupos ou dos indivíduos. Soares (2008) afirma que, como as pessoas ocupam diferentes lugares sociais, são-lhes impostas diferentes demandas funcionais de leitura e escrita, determinadas, por exemplo, por sexo, idade, localização rural ou urbana e etnia (acrescentaríamos, no nosso caso, opção religiosa). Com o crescimento, em especial no meio urbano, do número de evangélicos no Brasil – e como ser evangélico implica ler a Bíblia e outros materiais religiosos – os eventos promovidos pelas igrejas evangélicas, ao exercitarem com seus adeptos a compreensão dos textos religiosos, ajudam a desenvolver determinadas habilidades e a construir as identidades sociais dos fieis, como veremos adiante.

Os letramentos, portanto, são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes e não se restringem apenas ao ambiente escolar. E a igreja, nesse contexto, impacta e é impactada pelo letramento que desenvolve entre os que a frequentam. E, ao tratarmos de letramentos, para o estudo em questão, devemos lançar um olhar sobre um deles, litúrgico, aquele requerido na participação dos eventos relacionados à religião e à igreja, não se circunscrevendo apenas a seu âmbito.

O letramento litúrgico é definido por Rosowsky (2008) como o uso da leitura (e mais raramente da escrita) necessária para ritual e outras práticas devocionais relacionadas a determinada religião, geralmente uma “religião do livro”, tal como o judaísmo, cristianismo ou islamismo⁵. O autor pesquisou as práticas de letramento que se dão em mesquitas do Reino Unido, com o uso do árabe para leitura do alcorão, e em escolas em que o inglês é requerido. No Brasil, Semechechem (em andamento) estuda as práticas letradas da comunidade e da escola, em um município do sudoeste do Paraná, em que as missas são realizadas em ucraniano e em português, e a escola ensina uma variedade de português diferente do “brasileiro” falado no dia a dia. Em ambos os casos, o letramento litúrgico contribui para a constituição da identidade social, cultural e religiosa dos participantes daquela pesquisa.

As religiões evangélicas, do mesmo modo que o islamismo descrito por Rosowsky, centram-se em atividades letradas, pois todos os eventos de letramento

⁵ Liturgical literacy is understood as that use of reading, more rarely of writing, which is essential to ritual and other devotional practices connected with an established religion, usually a “religion of the book” such as Judaism, Christianity or Islam. (ROSOWSKY, 2008, p. 6)

desenvolvidos no domínio da igreja têm a leitura da Bíblia como atividade central. Para Kleiman (2005b, p.23), evento de letramento é o momento em que a fala se organiza ao redor de textos escritos e livros, envolve “a sua compreensão, segue as regras de uso da escrita da instituição em que acontece, está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pelas instituições.” Para a autora, os eventos de letramento exigem “a mobilização de diversos recursos e conhecimentos por parte dos participantes das atividades” (p. 24). Portanto, quando duas ou mais pessoas estão envolvidas numa atividade em que produção ou compreensão de texto escrito são a base dessa interação, estamos diante de um evento de letramento.

Os eventos de letramento não escolares podem ser especialmente colaborativos, em contraste com o caráter individual do processo de aquisição da língua escrita em ambiente escolar, que costuma ser próprio da alfabetização. Nos eventos não escolares, é comum as pessoas participarem coletivamente, umas ajudando as outras, interagindo e construindo conhecimento em conjunto. Alguns exemplos de letramento não escolar podem ser facilmente lembrados: uma atividade em que pessoas tentam achar um endereço em uma cidade; procuram se localizar num mapa, encontrar ruas, guiar o motorista para o local correto; ou duas pessoas numa cozinha falando sobre receitas, uma ditando e a outra copiando, sempre seguindo uma estrutura, primeiro os ingredientes, depois o modo de preparo; ou ainda um grupo de pessoas reunidas, lendo a Bíblia, ouvindo explicações, negociando sentidos. Esses são apenas alguns exemplos de eventos de letramento que acontecem fora do ambiente escolar, entre tantos outros que poderiam ser mencionados.

Nesses contextos em que a colaboração é corrente, desencadeia-se o andamento, um suporte interacional de que lança mão alguém com mais conhecimento para auxiliar alguém menos experiente naquele domínio. Andamento – ou *scaffolding* – é um termo introduzido por Wood, Bruner e Ross (1976) para descrever os meios pelos quais um mediador orienta a atenção do aprendiz em direção aos aspectos centrais das atividades em questão. Esse tipo de ação é comum entre adultos e crianças, e o papel do adulto (ou mais experiente), metaforicamente falando, seria o de oferecer um suporte, como um andaime, pelo tempo que for necessário, até que o outro consiga executar a tarefa sozinho.

No presente trabalho, damos destaque a um importante tipo de evento de letramento que ocorre nas comunidades religiosas, em que a leitura da Bíblia é a base de todas as atividades. Nesses encontros, os indivíduos leem e fazem relação do que leram com sua vida pessoal, podem interagir e trocar ideias sobre suas

interpretações, desenvolvendo importantes habilidades, como a leitura, o respeito à opinião do outro, e, às vezes, a escrita. À medida que vão desenvolvendo a *tecnologia da leitura*, necessária para compreender esse tipo de texto, empoderam-se, sentem-se seguros para ajudar os outros a compreender o que aprenderam.

Em *Pais e alunos pouco letrados: eventos de letramento em uma comunidade rural*, Silva (2007) discute resultados de sua pesquisa em que investiga os eventos de letramento das famílias de crianças oriundas de meio iletrado. As entrevistas realizadas com os pais dos alunos selecionados para compor a amostra da pesquisa revelaram que a maioria deles (63%) usa a leitura principalmente em dois tipos de atividades: religiosas, como a da Bíblia; e escolares, como a de materiais escolares de seus filhos. Segundo a autora, “só por meio da leitura e da escrita é possível entender as relações entre o homem e o mundo social, cultural e físico” (p. 01), nesse sentido, o acesso a essas habilidades promove o homem a indivíduo e cidadão.

E a constituição como indivíduo passa pela (re)constituição de identidade(s). Na contemporaneidade, não temos uma, mas várias identidades – fluidas, contraditórias, instáveis, incoerentes, em constante transformação – que fazem parte de nós e nos projetam a nós mesmos, como pertencentes a este ou aquele grupo. Essa noção de pertencimento ajuda a alinhar esses sentimentos subjetivos e cambiantes aos lugares objetivos e concretos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2005). Somos, pois, formados e transformados constantemente em relação ao modo como somos representados (ou levados a ser) na comunidade de que fazemos parte.

A(s) identidade(s) são definidas historicamente; assumimos diferentes identidades em diferentes momentos. Podemos ser mães, professoras, donas de casa, gestoras, leitoras, evangélicas etc. uma não excluindo a outra, e, segundo Hall (2005, p. 13), os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o que nos confronta com “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.” E se entendemos que o letramento “empodera”, assumimos que também novas identidades emergirão ao longo desse processo.

Ao assumirmos uma concepção de letramento em que este conceito é entendido como um conjunto de práticas sociais ligadas à escrita em instituições e contextos socioculturais específicos, para objetivos específicos, entendemos a igreja como sendo um desses contextos específicos, com finalidades específicas para o conjunto de práticas sociais de leitura e escrita realizadas nesse âmbito – o letramento litúrgico, como o caracterizamos anteriormente. Antes de apresentar e discutir os resultados levantados com os participantes da pesquisa, verificando

como eles se engajam nessas atividades e como se veem nesse contexto, vamos, na sequência, descrever a metodologia utilizada para desenvolver nosso estudo.

2. METODOLOGIA

Para responder às perguntas de nossa pesquisa, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas a dois grupos (adaptadas conforme características de cada um):

1. Leitores de menor escolaridade (doravante ME) – com média de idade entre 30 e 56 anos; cursaram as primeiras séries do ensino fundamental e leem a Bíblia habitualmente; moradores da zona urbana de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre; são donas de casa e trabalhadores assalariados. Dos sete entrevistados, quatro vieram da zona rural para trabalhar na cidade, têm apenas até a 5ª série do ensino fundamental, e os outros três não concluíram a 7ª série.

2. Leitores de maior escolaridade (doravante MA), que leem a Bíblia habitualmente, com idade variando de 15 a 55 anos de idade, todos moradores da mesma zona urbana do grupo anterior. Das sete pessoas entrevistadas, três são estudantes de ensino médio, três têm ensino superior completo e incompleto e uma é aposentada, com ensino médio completo.

Escolhemos esses dois perfis de participantes porque queríamos conhecer suas percepções a respeito da leitura da Bíblia, texto de linguagem conservadora, de sintaxe mais complexa e com uso frequente de metáforas. Por sermos também leitoras habituais da Bíblia, sabíamos que esse livro reúne textos de diferentes gêneros, contém trechos de difícil entendimento, por usar uma linguagem própria, mais erudita. O que distingue o segundo grupo do primeiro grupo é a escolaridade. O hábito, associado à escolaridade – que pressupõe familiaridade com um número maior de gêneros de textos – no nosso entender, poderia fazer com que os integrantes do segundo grupo se avaliassem com menos dificuldades para ler e interagir com o texto bíblico. Optou-se por esses grupos da região metropolitana de Porto Alegre por conhecer alguns desses grupos, ver como interagem quando discutem os textos, como alteram completamente seu estilo quando oram, quando se manifestam em relação ao que leram. Foi essa convivência que gerou os questionamentos de pesquisa e o interesse na investigação.

Optamos pela entrevista do tipo semiestruturada por supor que possibilitaria a compreensão que buscávamos no estudo, uma vez que, segundo Negrine (2004, p. 75), as questões flexíveis, quando o entrevistador julgar necessário, admitem maiores esclarecimentos sobre determinado tema.

As entrevistas com os participantes tiveram como focos temáticos, tanto na elaboração das perguntas quanto na categorização dos resultados, a seguinte configuração:

- a) Identificar como os entrevistados viam a leitura, sua importância, o que e como eles liam e o que, em sua percepção, facilitava sua leitura.
- b) Compreender a Bíblia como livro de leitura, procurando identificar se essa leitura, na percepção dos entrevistados, afetava o seu letramento.
- c) Identificar as identidades sociais que os participantes construíram ao longo de sua trajetória de leitores da Bíblia e engajamento nas atividades promovidas na igreja.

Ao conversarmos sobre leitura, estávamos também, indiretamente, conversando sobre a trajetória do letramento de cada participante, e é o que apresentaremos na próxima seção. Iniciamos mostrando as percepções dos participantes em relação ao papel da leitura em suas vidas.

Na transcrição das respostas às perguntas, não foi usada nenhuma convenção. Interessa-nos, neste trabalho, o conteúdo dessas respostas (BARDIN, 1995), procurando identificar as concepções dos participantes em relação à leitura da Bíblia, em relação aos eventos de letramento de que participam e como isso marca suas vidas.

Na sequência, apresentamos como eles avaliam o papel das Escrituras Sagradas na sua formação de leitor e de cidadão.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

As igrejas evangélicas promovem diversos eventos de letramento – tais como as escolas bíblicas, as reuniões informais que acontecem em diversos momentos, como almoços, festas de aniversário, retiros, entre outros – em que os participantes conversam e expõem suas opiniões sobre determinadas passagens bíblicas, sentem maior liberdade, nesses encontros⁶, para discutir e explicar o que para eles, naquele momento, os move e lhes é vital. Nessas reuniões mais informais, o significado do texto é co-construído.

⁶ Neste trabalho, os participantes falam sobre esses eventos.

Participando de alguns desses momentos, ficávamos intrigadas e interessadas em saber como pessoas, com formação escolar inferior a muitos (inclusive a nós mesmas), conseguiam interpretar passagens bíblicas que, de um leitor comum, exigiriam um esforço além do normal. Em muitos desses eventos, ficávamos imaginando como essas pessoas poderiam ter um vocabulário tão rico. Também nos questionávamos como esses leitores de menor escolaridade avaliavam a influência de eventos de letramento que envolvem a leitura da Bíblia na sua formação. A seguir, expõem-se e discutem-se algumas respostas a essas perguntas.

3.1 A leitura faz parte de minha vida: a importância da leitura

Ao serem questionados sobre a leitura e sua importância na vida de cada um, verificou-se que os participantes de ambos os grupos a entendem como necessária para adquirir conhecimento e está presente no seu dia a dia. Para os evangélicos, o material relacionado à igreja é o conteúdo lido com mais frequência. Trata-se da revista da escola dominical⁷, Bíblia e outros materiais religiosos. Entre os crentes de maior escolaridade, entretanto, jornais e revistas também fazem parte do que leem. Ambos os grupos declaram ler para ter conhecimento e buscar conforto nos momentos de tristeza.

Pela própria natureza da leitura realizada pelos participantes, ela tem função social, os significados são construídos conjuntamente, uma vez que o conhecimento adquirido é compartilhado com outras pessoas (todo evangélico é um missionário em potencial). A análise dos interesses diferentes de leitura dos dois grupos mostra que existem letramentos diferentes associados a domínios diversos da vida (BARTON & HAMILTON, 2003, p. 7). Em relação aos participantes de ME, durante a conversa, dois deles, Paulo e Elias, apesar da baixa escolaridade, se destacaram pela sua desenvoltura. Como ambos se dedicam exclusivamente ao evangelismo, sua prática de leitura e estudo é constante. Na evangelização, ainda que seja uma atividade oral, essa prática é perpassada pela escrita, uma vez que os argumentos usados são sempre pautados em textos bíblicos, seja em função de leitura anterior a essa prática, seja na memorização de passagens que são repetidas nesses momentos.

⁷ Na região metropolitana de Porto Alegre, muitas igrejas evangélicas oferecem a 'escola bíblica', que oferece estudo bíblico, ensinando os fiéis a viverem de acordo com os princípios bíblicos defendidos pela denominação.

3.2 Estou sempre descobrindo coisas novas: a Bíblia como leitura

Em seguida, procurou-se compreender o papel da Bíblia para a vida dos participantes e se procurou saber como percebiam essa leitura auxiliando no seu letramento e a consequente marca na formação pessoal.

Quando se compreende a leitura como prática social, assume-se que ela contribui para a construção de identidades sociais, o que é manifestado pelos nossos participantes, que veem em sua trajetória um *antes* – sem entendimento, com dificuldades – e um *agora* – com sabedoria, com uma melhor compreensão do mundo:

É que a Bíblia sempre tem coisa nova, ela sempre está te trazendo entendimento novo. Não que eu tenha dificuldade, mas sempre estou descobrindo coisas novas nela. Eu não acho difícil, porque se tu começar a ler ela, tu vai entendendo, e ela mesma vai esclarecendo para tí o que tu procura. (João – ME)

As pessoas podem usar o letramento para proceder a mudanças em suas vidas, o que vai afetar também o meio em que vivem. No caso de Elias, o letramento o “empoderou”, pois, além de ter ampliada a capacidade de compreender o mundo, sente-se capacitado a compartilhar com os outros o que aprende:

A leitura faz parte de minha vida, eu compartilho conhecimento bíblico de casa em casa com outras pessoas. A leitura melhorou muito meu conhecimento de mundo. Através dela pude ampliar minha capacidade de raciocínio, compreendo melhor um assunto, por observá-lo de ângulos diferentes. (Elias – ME)

Para João e Elias, a Bíblia os ajuda a constituir suas identidades de leitores assíduos, persistentes. Há um João e um Elias antes, que não compreendiam, mas que insistiram, que continuaram lendo, e hoje têm mais conhecimento, compreendem e compartilham com os outros o que leem e descobrem. A persistência também é destacada por Ricardo – ME: “Depois desses 02 anos, já não tenho dificuldade na leitura. Todo dia eu pego, leio um versículo, então tenho um seguimento.” Depreende-se da atividade leitora desses três participantes que a construção da interação com o texto se dá com investimento de tempo, com trabalho (concentração), mas que traz retorno: desenvolvimento da capacidade de raciocínio, da capacidade de uma compreensão mais aprofundada do assunto (observá-lo de ângulos diferentes), competências que a escola, em muitos casos, está deixando de desenvolver, ao não desafiar professores e alunos a desenvolverem um projeto de letramento que faça sentido a ambos.

Nossos participantes destacam, em suas observações, que a leitura bíblica é essencial e desenvolve muitas habilidades, além do seu letramento. Observamos que esse desenvolvimento contribui para a alteração da visão do leitor sobre si mesmo e sobre o mundo, como relata Nelson ME: “E meu conhecimento geral mudou muito, e pra melhor, com certeza”, passando a se considerar uma pessoa mais qualificada no enfrentamento dos problemas do cotidiano, o que o tem levado a expressar de forma mais clara e contundente seus pontos de vista, suas opiniões. Notamos também, em suas respostas, que consideram os eventos de que participam muito importantes para a compreensão de textos mais complexos que eles possam vir a ler:

As pessoas podem desenvolver e melhorar o pensamento e até as palavras lendo e participando da leitura da Bíblia, porque a pessoa vai desenvolvendo, porque vai seguindo, vai lendo, automaticamente a idéia vai passando, vai desenvolvendo cada vez mais. Acho muito importante... (Ricardo – ME)

Ou para desenvolverem o respeito à opinião do outro talvez maior tolerância: “Porque todas as expressões que as pessoas usam, pensamento diferente, sempre tu aproveita algum coisa.” (João – ME)

E, evidentemente, os participantes reconhecem a importância de eventos em que podem fazer perguntas, aprendendo de forma colaborativa, na interação com os outros:

Muito importantes os encontros que fizemos, principalmente as escolas bíblicas, onde aprendemos mais e podemos fazer perguntas. (Paulo – ME)
Os encontros que temos na igreja são muito importantes, entendemos coisa que não conseguimos sozinhos. (Nelson – ME)

Para os ME, como se pode ver, os eventos proporcionados pela igreja são de extrema importância, uma vez que “exigem a mobilização de diversos recursos e conhecimentos por parte dos participantes das atividades” (KLEIMAN, 2007, p.15). Isso demonstra que alguns eventos voltados para a resolução de algum problema da vida social, como, por exemplo, compreender uma passagem bíblica, criam várias oportunidades de aprendizagem para os participantes, mesmo que existam opiniões divergentes entre eles.

Os ME e MA participam de eventos de letramento que ocorrem nas comunidades religiosas em que a leitura da Bíblia é a base de todas as atividades. Ali os indivíduos leem e escutam a leitura e a explicação de trechos bíblicos, momento em que estabelecem relações dessas passagens com sua vida pessoal, interagem com os outros e trocam ideias sobre suas interpretações, desenvolvem a leitura,

a escrita (pois fazem anotações), o pensamento – por meio de memorizações e abstrações, comparam a opinião de outros à sua, além de outras habilidades que têm a oportunidade de desenvolver. Como destaca Rosowsky (2008, p. 169), as escolas, se reconhecessem a importância do letramento litúrgico, seriam beneficiadas consideravelmente, uma vez que as habilidades desenvolvidas nesse contexto podem ser transferidas para o escolar.

Os MA se manifestam de forma muito semelhante aos ME:

“Quando alguém lê e explica, isso também facilita minha leitura, porque abre mais a minha mente, tenho coisas que não entendo.” (Júlia – MA)

“Quando participo de leituras e cultos, facilita bastante, já tem mais ou menos a noção.” (Pedro – MA)

Falar da trajetória da constituição do(a) leitor(a) é falar também da história familiar. A orientação de letramento desenvolvida na família ajuda a definir o(a) leitor do futuro, como é o caso de Emília e Fernanda, que, desde pequenas, com a ajuda dos pais, interagem com a Bíblia e com os pais a respeito do que liam:

“Leio a Bíblia desde meus 7 anos, são 46 anos de leitura dela. Lembro com muita emoção e alegria. Chegava da escola e pegava a Bíblia do pai e ficava juntando as sílabas até formar as frases e mostrava para mãe e pro pai que já sabia ler a Bíblia!” (Emília – MA)

“Leio desde os 6 anos, antes da escolaridade, meus pais ajudavam a ler para facilitar o aprendizado e meu fascínio foi maior. Foi difícil entender, mas meus pais explicavam sempre! Eu acredito que outro ponto de vista de outro leitor sempre nos ajuda a compreender de outra forma e a ter entendimento.” (Fernanda – MA)

As falas de nossas participantes dão destaque, pois, ao valor dos eventos de letramento promovidos no lar, nos quais a criança tem contato com histórias, aprende a ouvir, desenvolve habilidades diversas, sente-se mais à vontade para perguntar e responder. Isso tudo pode contribuir para que, na escola, essa criança seja desinibida, boa leitora e com chances de melhor desenvolvimento, uma vez que a orientação de letramento do lar se aproxima à da escola, o que já foi identificado nos estudos de Heath (1983) e Terzi (2001).

Um aspecto que chama a atenção nos excertos acima (nas respostas de Emília e Fernanda) é a importância que dão à ajuda recebida, quando crianças, de adultos da família e que foi definitiva para o desenvolvimento de seu conhecimento. Segundo Scarpa (2001, p. 217), a criança e o adulto se engajam em ações que mostram instâncias de atenção partilhada e ação conjunta. Trata-se do andamento, um processo colaborativo através do qual é fornecida assistência de pessoa a pessoa

(normalmente de um adulto para uma criança), de forma que o interlocutor seja capaz de executar uma tarefa que ele não seria capaz de realizar de outra forma.

Quando analisamos as respostas dos participantes de ME, verificamos que essa predisposição colaborativa também ocorre entre adultos. Alguns deles não tiveram a oportunidade de participar de eventos de letramento familiares, quando crianças, mas agora têm essa oportunidade, em ambiente onde podem ouvir opiniões e expressar suas próprias. Nesse ambiente, aprendem que, para conseguirem interagir com o texto com que se defrontam, podem contar com a ajuda de outros; percebem também que a vida em sociedade pressupõe ajuda mútua:

“Quando alguém está lendo facilita, porque quando a gente lê e daí vem outro e lê a mesma palavra, aí o entendimento é mais fácil.” (Ricardo – ME)

“Muito importantes os encontros que fizemos, principalmente as escolas bíblicas, onde aprendemos mais e podemos fazer perguntas.” (Paulo – ME)

O desenvolvimento da leitura faz com que, na percepção dos participantes, em paralelo, outras habilidades, como o vocabulário, sua forma de interagir com os outros (*Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim, meu modo de ser também*. Maria – ME), também sejam desenvolvidas. Mas eles também avaliam o que são hoje, em função da leitura, em especial na forma de compreender o mundo:

“Melhorou meu entendimento de mundo, porque eu acho que o mundo de hoje, a gente vê muitas coisas ruins, criminalidade, e pra mim o entendimento melhorou muito. Antes eu não tinha esse entendimento.” (Ricardo – ME)

Pelas respostas do grupo, nota-se que há também o desenvolvimento de uma postura positiva diante da vida, e a construção da identidade decorrente do processo de desenvolvimento pessoal, a identidade de pessoa de bem, pessoa que faz a diferença, cuja mudança é observada por aqueles com quem convive. A leitura, na esfera religiosa, segundo Tinoco (2008, p. 82), tem a função social de fortalecer o sentimento de identificação a um grupo religioso. Esse sentimento de pertencimento foi também identificado por Rosowsky (2008) nos muçulmanos que participaram de sua pesquisa, radicados no Reino Unido. Segundo o autor, o letramento litúrgico, em termos de capital cultural, é um aspecto que forma a vida das pessoas, tanto para os que estão adquirindo esse letramento, como para os que já o têm.

A questão do crescimento pessoal (o autoconhecimento) derivado da leitura da Bíblia também é destacado pelos MA:

“Depois que comecei a ler a Bíblia, pude entender muitos problemas pessoais.” (Júlia – MA)

Júlia e Ricardo relatam suas experiências enquanto leitores, e o crescimento pessoal e entendimento de mundo que tiveram em decorrência da persistência na leitura. Eles relacionam o que leem com suas vidas, buscando na leitura a solução para seus problemas.

Nossos participantes destacam a influência da leitura de material religioso e a importância da participação de eventos não escolares na sua formação, o que promove a mudança da visão sobre si próprio e sobre o mundo. A leitura (decorrente de sua opção religiosa) os transformou, segundo eles, em pessoas mais capazes no enfrentamento dos problemas, capacitando-os a expressarem de forma mais direta suas ideias e opiniões, o que é reforçado pela fala de Roberto – MA: “Esse é motivo pelo qual eu leio, para que eu tenha um maior crescimento e entendimento da vida”. O leitor passa a situar-se melhor em relação ao seu contexto social, dando sinais de avanços de uma consciência crítica. O estudo da Bíblia promove não só a leitura como ação política, mas desencadeia um conjunto de valores e comportamentos dignos, necessários para própria condição humana, que nela estão expressos e fundamentados.

Na análise do conteúdo das falas de nossos participantes, podemos observar os sinais claros de desenvolvimento de letramento, proporcionado pelos eventos de que costumeiramente participam. Eles nos ensinam que as práticas em que se envolvem na igreja (e as que ela estimula para fora do seu ambiente) são rica fonte de conhecimento e ferramenta para desenvolvimento geral. Esse tipo de letramento, entretanto, pode receber críticas, por se considerar que possa não ser emancipatório. Para Tinoco (2008, p. 82), desse tipo de leitura não é esperada criticidade, mas “o acatamento de uma interpretação que torne comuns os interesses de um grupo religioso”. Ainda assim, acreditamos que essa prática não possa ser negligenciada, pois, como vimos na fala de nossos participantes, essa habilidade é estendida a outros âmbitos de suas vidas, a outros letramentos.

Analisando a forma como os participantes se posicionam (e o tipo de vocabulário e estrutura frasal de que lançam mão enquanto falam sobre a Bíblia), talvez se possa pensar na existência de um “evangeliquês⁸”, com vocabulário comum aos textos sagrados (próprio do letramento litúrgico), de que esses falantes

8 Isso pode ser observado nos eventos diversos, como na oração espontânea, nos comentários relativos ao texto lido. Um pouco disso pode ser conhecido em texto em que analisamos a interação dos participantes da pesquisa com uma parábola bíblica (KERSCH e SILVA, em preparação).

se valem nos eventos de letramento que têm lugar no âmbito da igreja. Bakhtin (1997), ao tratar dos gêneros do discurso, afirma que os enunciados produzidos em determinada interação refletem as condições específicas e os objetivos das diferentes esferas da atividade humana, “não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional” (p. 279). Em nosso caso, nossos participantes, ao identificarem a situação de comunicação como pertencente à esfera da igreja e, dominando os gêneros presentes na Bíblia e com que lidam diariamente, têm os seus enunciados marcados pela especificidade desse domínio. E cada esfera de utilização da língua é caracterizada por seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os chamados gêneros do discurso. Assim, não é o nível de escolaridade que define se o participante entende ou não o texto, e sim o conhecimento que tem dos gêneros que circulam naquela esfera, uma vez que os participantes de ambos os grupos eram letrados no mesmo domínio: o litúrgico.

Os gêneros que circulam na esfera da igreja são compreendidos facilmente por quem participa dos eventos ali promovidos, não importando o nível de escolaridade. Para Bakhtin (1997, p. 279), a utilização da língua se dá por meio de “enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”, quer dizer, o pertencimento a determinado grupo (evangélicos) fará com que os gêneros que circulem entre as pessoas desse grupo sejam conhecidos por elas. Nesse sentido, parece-nos que o que define se a pessoa vai compreender o que lê não são exatamente os anos de escola, e sim o domínio do gênero com que efetivamente se tem contato, o gênero que lhe interessa, que tem sentido para sua vida, para as práticas sociais em que está envolvida (por isso letramentoS). Pode-se estender isso para o âmbito escolar: a escola que realiza trabalho desconectado da realidade de seus alunos, que insiste em praticar redação escolar (aquela que circula somente na sala de aula e é produzida apenas para um interlocutor), que não promove a leitura que faça sentido para alunos e professores, que não tem um projeto de letramento com/para seus alunos, perde a chance de contribuir para a construção de uma escola e sociedade melhores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados que analisamos mostram que os eventos de letramento promovidos no âmbito da igreja exercem importante papel no desenvolvimento de quem deles

participa. Ao assumir a existência de letramentos, constatamos que o domínio dos gêneros que circulam em determinada esfera habilita os integrantes dessa esfera a agirem e se locomoverem dentro dela, com propriedade. Podem ser menos letrados em algum âmbito, mas o são no domínio religioso (litúrgico).

Os eventos promovidos no âmbito religioso contribuem para o letramento de seus fieis, não só no âmbito da igreja, como na formação integral dos indivíduos. Nossos participantes, com toda a razão, percebem que mudaram após se dedicaram à leitura diária da Bíblia. Também se dão conta de que a leitura os mudou em diferentes aspectos de sua vida, inclusive na forma de compreender o mundo, embora a forma de compreensão não tenha sido estudada e, tampouco, explicitada neste artigo. Nosso estudo mostra que não importa a dificuldade do texto, nem os anos de escola do leitor. Interessa, sim, que o indivíduo se envolva em atividades que tenham significado para sua vida, que a leitura lhe seja necessária e importante para determinada prática social.

Essa constatação também pode ser estendida para a esfera escolar: se o projeto de letramento estimular o aluno a refletir sobre o que lê, se ele encontrar no professor e colegas a ajuda de que necessita para compreender o texto que não consegue entender sozinho, com certeza, ele aumentará o nível de seu letramento e se desenvolverá como pessoa. É isso não acontecerá de forma “técnica” ou neutra. Alunos que passarem por experiência dessa natureza serão impactados, mas também impactarão aqueles com quem interagirem, pois o letramento – e o domínio dos gêneros que circulam nas esferas da sociedade por onde eles também circulam – dará poder a eles, capacitando-os a ler e escrever em diferentes contextos sociais, compartilhar o que aprenderam, fazendo, enfim, algo verdadeiro, que seja útil para suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. (2003). *Local literacies: reading and writing in one community*. Londres e Nova Iorque: Rotledge.
- BOHN, S. R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opin. Pública*, Campinas, v. 10, n. 2, out. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762004000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 fev. 2010. doi: 10.1590/S0104-62762004000200006.
- HALL, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A,

- HEATH, S. B. (1983). *Ways with Words: Language, Life and Work in Communities and Classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KERSCH, D. F. e SILVA, M. O. da *Letramento fora do ambiente escolar – as contribuições do letramento litúrgico* (em preparação)
- KLEIMAN, A. B. (org.). (1995) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas/SP: Mercado de Letras. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- _____. (2001) Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, p. 15-64.
- _____. (2005a). *Linguagem e letramento e foco*. Campinas, SP: Unicamp.
- _____. (2005b). *Preciso Ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas, SP: Cefiel/Unicamp, 2005. Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/preciso_ensinar_letramento-Kleiman.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.
- _____. (2007). Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>>. Acesso em: 10 nov. 2008.
- NEGRINE, A. (2004). Instrumentos de Coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). *A pesquisa qualitativa na Educação Física*. 2. ed. Porto Alegre:UFRGS/SULINA, 2004. p. 61-93.
- ROSOWSKY, A. (2008). *Heavenly readings: Liturgical literacy in a multilingual context*. Reino Unido: Multilingual Matters.
- SCARPA, E. M. (2001). Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez.
- SEMECHECHEM, J. *Interação e identidades em eventos de letramento escolares em contexto multilíngue/multicultural no sudeste do Paraná*. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Estadual de Maringá/PR, Maringá, (em andamento).
- SILVA, T. O. da. (2007) Pais e alunos pouco letrados: eventos de letramento em uma comunidade rural. *Anais do 16º Cole*. Campinas: Unicamp. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss18_05.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2008.
- SOARES, M. (2003) *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica.
- _____. (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003. *Revista Brasileira de Educação*, Brasília, n. 25, p. 5-17.
- _____. (2008). *Alfabetização e letramento*. 5ª. ed. São Paulo: Contexto.
- STREET, B. (2006). Perspectivas interculturais sobre o letramento. Trad. Marcos Bagno. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n° 8, p. 465-488.

- TERZI, S. B. (2001) A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Ângela B (Org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- TFOUNI, L. V. (1988) *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas, São Paulo. Pontes.
- TFOUNI, L. V. (1995). *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- TINOCO, G. A. (2008). Mundos de letramento de professores em formação no agreste norte-rio-grandense. In OLIVEIRA, M. do S.; KLEIMAN, A. B. *Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações*. Natal: EDUFRN, p. 63-89.
- WOOD, D., BRUNER, J. S. e ROSS, G. (1976). The role of tutoring in problem solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 17(2), 89-100.

Recebido: 10/10/2011

Aceito: 23/04/2012